



Avanço
Proprietário: Dr. Ernesto Lacerda

Órgão nacionalista, defensor dos concelhos do Norte do Distrito de Leiria
Director e Editor: Dr. Manuel Alves da Piedade

10 de Abril de 1966
Chefe da Redacção: Prof. A. Paula Santos

ANO XIV — REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMP. E IMP.: OFICINAS GRÁFICAS DA MINERVA CENTRAL — FIGUEIRO DOS VINHOS — TELEFONE 7 — N.º 319

BOA VAI A VIDA INTERNACIONAL DO NOSSO TEMPO... A ENTREVISTA DE SALAZAR

BOA VAI A VIDA INTERNACIONAL DO NOSSO TEMPO...

A Inglaterra pretende reduzir a Rodésia à obediência por meio das sanções. E a sanção de que mais espera é a de petróleo e derivados. Espera por esse meio paralisar todas as indústrias e as comunicações aéreas daquele país. E assim a teimosia de Ian Smith findaria, vencida pela inanição.

Mas a verdade é que, naturalmente reduzindo no possível o consumo, a Rodésia vai tendo a gasolina indispensável.

E a Inglaterra mandou para o Canal de Moçambique que navios de guerra e aviões, a fim de fiscalizarem a navegação. Mas navegação para onde? A Rodésia é um país interior. Não tem costas marítimas e portanto não tem portos de mar.

E por lá andam canhoneiras e contratorpedeiros e aviões ingleses a molestar a navegação que utiliza o Canal de Moçambique. Com que direito? Porventura são aquelas águas internacionais propriedade da Inglaterra? Os barcos que o bloqueio britânico ameaça — ou pelo menos incomoda — dirigem-se ao porto da Beira.

Com que direito interfere a Inglaterra na navegação que se dirige para um porto português?

Por vezes os barcos mercantes, que os aviões britânicos importunam tão de perto, correm sério perigo. Ora nada há na lei internacional que permita perturbar e dificultar a navegação para os portos duma nação em paz e fluente dos seus direitos de nação soberana.

Trata-se dum bloqueio? Mas não é lícito fazer o bloqueio por intermédio de quem nele não queira participar. Portugal tem com a Rodésia relações comerciais correntes e é seu pleníssimo direito continuar a mantê-las.

Evidentemente a Inglaterra tem o direito de estabelecer bloqueio à Rodésia, mas não a Portugal, nem lhe cabe o direito de fazer de Portugal agente forçado no bloqueio britânico.

Por iniciativa da Inglaterra se resolveu, na «Declaração Naval de Londres», de 26 de Fevereiro de 1909, que o marítimo bloqueio se limitará às costas e portos do inimigo ou costas e portos por ele ocupados. Portugal não está em guerra e nem sequer em conflito com a Inglaterra. E expresso ficou naquele texto que as forças que exerçam o bloqueio não devem impedir o acesso aos portos ou costas dos não-beligerantes.

Por isso obrigar Portugal (ou

a Suécia ou a Holanda, cujos navios foram molestados por navios de guerra ou aviões britânicos, partidos da base malgaxe de Majunga) é um abuso que não fica bem a potência tão legalista (quando convém...) como a Inglaterra.

Portugal reclamou por três vezes contra violação das suas águas territoriais nisto do bloqueio à Rodésia. A Inglaterra admitiu que poderá ter havido violações, mas por inadvertência, prometendo recomendar aos navios e aviões ingleses que respeitem os direitos portugueses. A este facto se referiu, em conferência de Imprensa, o porta-voz do «Foreign office».

Há uma singular explicação do porta-voz: — «Estamos a levar o embargo do petróleo de acordo com a resolução n.º 217 de 28 de Novembro do ano passado do Conselho de Segurança, em que se apelava para todos os estados a fim de que fizessem o possível por cortar as relações económicas com a Rodésia, incluindo o embargo do petróleo e produtos derivados».

Mas a recomendação da ONU não disse como devia realizar-se esta recomendação, nem disse estarem revogadas as leis e regulamentos até então vigentes a respeito da navegação e do comércio internacionais. Se basta uma sessão mal humorada do Conselho de Segurança para as leis internacionais serem letra morta, boa vai a vida internacional do nosso tempo...

DR. MANUEL ALVES DA PIEDADE

No dia 1 do corrente tomou posse do cargo de médico-municipal do 2.º Partido deste concelho, o Sr. Dr. Manuel Alves da Piedade, nosso prezado amigo e conterrâneo, que vinha exercendo idênticas funções no vizinho concelho de Castanheira de Pera.

O Dr. Alves da Piedade, que iniciou a sua carreira em Figueiró, bem cedo se tornou notado pelas suas qualidades de trabalho e brio profissional, grangeando, por isso, numerosas simpatias e amizades.

Vinculado agora os deveres de clínico municipal, bem certos podemos ficar de que serão cumpridos com a mesma conduta que sempre lhe conhecemos e o guindou à situação prestigiosa de que desfruta não só em Figueiró, mas em toda esta região.

Congratulando-nos com a sua nomeação, formulamos os nossos sinceros votos pela continuação da sua brilhante carreira e pelas suas prosperidades pessoais.

A notável entrevista concedida pelo Presidente Salazar ao «New York Times» dominou todos os acontecimentos da vida nacional, pela clareza com que é focada a posição de Portugal perante o Mundo.

Seria muito difícil fazer uma síntese de toda a entrevista. Por isso nos limitamos, hoje, a apresentar, apenas, dois pontos.

Depois de se referir às dificuldades, internas e externas, que a Revolução Nacional tem que enfrentar, disse:

«Sem embargo de tudo isto, e apesar das insuficiências, atrasos, erros e limitações de que temos consciência, seria preciso total desconhecimento das realidades portuguesas para se negar a expansão, o progresso, a melhoria geral de nível da sociedade portuguesa — de toda a sociedade portuguesa, na Metrópole e no Ultramar — nos últimos trinta ou quarenta anos.

Nesse espaço de tempo, as receitas públicas metropolitanas subiram de 1400000 contos em 1962, para 4400 000 contos, em 1946 e para 17 000 000 contos em 1966; o analfabetismo, que era de quas e 70 por cento, foi anulado quanto a toda a população em idade escolar; o nível de vida triplicou; o produto nacional bruto a preços constantes elevou-se de 65 por cento nos últimos dez anos; a produção industrial subiu de 9 milhões de contos em 1938 para 44 milhões em 1965, e desenvolveu-se, para só citar os últimos anos, de 1959 a 1964, à taxa média de 11,7 por cento; a produção de electricidade passou de 187 milhões de quilovátios-hora em 1966; expandiram-se as editoriais de livros e revistas; cresceu a circulação de jornais; e a população metropolitana aumentou de seis para cerca de dez milhões.

No Ultramar erradicaram-se as grandes doenças, como reconheceu, em relatório publicado após visita aos territórios, a Organização Mundial de Saúde; tem-se intensificado e ampliado a participação dos seus habitantes, todos cidadãos de pleno direito, na vida política e administrativa da Nação; fundaram-se duas universidades; multiplicaram-se as escolas primárias; cresceu o número de liceus e de escolas técnicas, e a população conjunta de Angola e Moçambique aumentou cerca de dois milhões e meio.

A população total da Nação Portuguesa, com nessecidades acrescidas, ultrapassa hoje os 21 milhões de habitantes.

Temos trabalhado muito, e numa época em que tanto se fala e tudo parece depender de subsídios e ajudas técnicas podemos dizer que temos trabalhado sós. Não devemos o nosso progresso

a subsídios gratuitos ou favores especiais de qualquer país.

Respondendo a uma pergunta acerca das nossas províncias ultramarinas, o Doutor Oliveira Salazar esclareceu:

«Todo este quadro, aliás, na origem das pressões em torno de Angola, Moçambique e Guiné, a que não foi estranha a política americana proclamada e praticada em 1961 e nos anos subsequentes. E ao falar-se de pressões sobre aquelas províncias portuguesas está a empregar-se a palavra exacta.

Não estamos efectivamente em face de nenhum levantamento ou rebelião interior; estamos perante agressões estudadas, financiadas e organizadas em territórios estrangeiros, chefiadas e conduzidas por indivíduos em parte estrangeiros também. E' a isto que se chama nas Nações Unidas o «nacionalismo» aqueles territórios e em muitos meios internacionais se classifica com a «luta pela liberdade». Nós não negamos nem afirmamos que haja ou possa haver um fenómeno sociológico de feição nacionalista, aliás artificialmente estimulado, em algumas áreas do continente africano. Mas esse não é o nosso problema: o nosso verdadeiro problema consiste em saber se, para além do nacionalismo português, quer dizer, para além do sentimento de integração daqueles povos na Nação Portuguesa, existe, em Angola, Moçambique ou Guiné, o outro nacionalismo alegado pelas Nações Unidas e do tipo que se diz existir em certos territórios.

Ora nós afirmamos que não existe, e os observadores imparciais assim o confirmam, mas isso não agrada a muitos que pretendem, por motivos ideológicos, económicos: ou políticos, absolutamente estranhos à prosperidade dos territórios portugueses e das respectivas populações, fazer acreditar num nacionalismo especificamente angolano, moçambicano ou guineano, que sabem não ser real. Foi uma construção abstracta a tese de que, no vasto continente africano, tudo teria de passar-se da mesma forma e conformar-se com um só padrão; e a esses fazedores de abstrações é intolerável admitir que as realidades não se subordinem por toda a parte aos seus princípios ou aos seus «slogans». A verdade é que todos os esforços, enviados durante cinco anos, têm falhado: os agitadores, apesar dos seus apoios externos — políticos e financeiros — e da intensa propaganda, não conseguiram criar uma situação de rebeldia ou revolta nas nossas províncias de África; e, passados os duros embates da agressão inicial, lá andamos hoje, ajudados pelas populações em paz, a aguardar

as fronteiras e a perseguir elementos infiltrados. Isso nos obriga porém a consideráveis gastos que seriam mais bem utilizados em fazer progredir mais intensivamente aqueles pedaços de Portugal.

Apesar de tão grandes dificuldades, temos conseguido avançar em todos os sectores, tanto políticos e educativos como económicos, sendo por outro lado certo que o Governo português não está disposto a adoptar uma política desintegradora da Nação. E' cada vez mais evidente a vantagem da colaboração e integração de grandes espaços e unidades, e a Nação Portuguesa integrada, multicontinental como é, corresponde no fundo mais às necessidades reais de todos os seus povos do que lhes corresponderia a pulverização em unidades políticas inviáveis que cedo cairiam no domínio económico alheio e acabariam por perder a sua independência nominal».

Dr. Jorge Godinho Ferreira

Tivemos o prazer de cumprimentar o Sr. Dr. Jorge Godinho Ferreira, ilustre médico oftalmologista em Lisboa que, com sua esposa e filhos, esteve em Figueiró na quadra da Páscoa em visita a seus familiares.

UM NOVO CLUBE DESPORTIVO EM LEIRIA

A existência duma colectividade desportiva que garanta à cidade de Leiria condigna representação e projecção no País, condizentes com a importância da cidade, está prestes a ser um facto.

Uma comissão formada pelos Srs. Bernardo Pimenta, presidente da Câmara Municipal, Dr. Rui Acácio da Luz, delegado da Direcção-Geral dos Desportos, Rev. Cónego José Ferreira de Lacerda, director do Jornal «O Mensageiro», Dr. D. Fernando Pais de Almeida e Silva, Dr. Agostinho da Silva, presidente da A. F. de Leiria, Carlos Pimenta, Luís Gonçalves e A. C. Santos, na sua primeira reunião preparatória, resolveu criar uma nova colectividade, que se denominará União Desportiva de Leiria.

Esta comissão, que reuniu à sua volta as figuras mais representativas da cidade, deliberou apresentar a toda a população, em reunião pública a realizar possivelmente no próximo dia 15, no Teatro José Lúcio da Silva, a ideia que pretende concretizar com o apoio das entidades oficiais e de todos os desportistas.

Luis Frias Fernandes

Médico

DOENÇAS DAS CRIANÇAS — CLÍNICA GERAL

TELEFONE 38

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Manuel Alves da Piedade

Médico

CLÍNICA GERAL

Telefone 98

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

MARIA AMÉLIA DOS SANTOS ALVES

MÉDICA

Doenças da boca e dentes

Consultas às 2.^{as}, 4.^{as} e sábados das 9 às 12 horas e 5.^{as} e sábados das 15 às 18 horas.

Telefone 98

FIGUEIRO DOS VINHOS

TRILHO Y BLANCO

MÉDICO-ESPECIALISTA

Ouvidos - Nariz - Garganta

Consultas no Hospital de Figueiró dos Vinhos, nas 1.^{as} e 3.^{as} quartas-feiras de cada mês, às 9^h 30^m.

Elias Tavares Cravo

MÉDICO-ESPECIALISTA

Doenças dos olhos - Operações

Consultas no Hospital de Figueiró dos Vinhos, no 1.^o e 3.^o sábado de cada mês, às 9^h 30^m.

COBRANÇAS DIFÍCEIS

trata José Pereira Esteves, em Lisboa e Província.

Travessa dos Arneiros, 15 r/c, Esquerdo — Lisboa-Benfica, telefone 700491.

SEGUROS

Automóvel, Responsabilidade Civil, Fogo, Acidentes de Trabalho Agrícolas e todos os ramos autorizados por lei.

Irolinda Nunes Curado — Telefone 34 — Figueiró dos Vinhos.

Terrenos para plantação de eucaliptos

Terrenos xistosos especiais para o efeito

Vendem-se no Alto Alentejo

a 60 Km. de nova Fábrica de Celulose, em montagem

300 hectares, com mais de 7000 árvores preço — 1600 contos.

270 hectares, sem arvoredo, com abundância de água — preço 1700 contos.

Junto a boa estrada alcatroada

Tratar com:

SILVINO CARREIRA MARQUES

Chão de Couce Telef. 1011
Figueiró dos Vinhos 30

Propriedades para e com plantação de eucaliptos

Vendem-se no Alto Alentejo:

1.^o — 180 hectares, com 20 000 eucaliptos, plantados, há oito dias — Preço 850 contos.

2.^o — Mata composta por eucaliptos e pinhal. Só o desbaste rende 120 contos. A'rea 30 a 40 actares — Pinhal de 15 a 30 anos. Eucaliptos prontos a cortar, a maioria — Preço 380 contos.

3.^o — Couto com 90 hectares, banhado por Ribeira. Terreno ideal para plantar eucaliptos e choupos — Preço 600 contos.

Tratar com:

SILVINO CARREIRA MARQUES

Telef. 1011 — Chão de Couce
30 — Figueiró dos Vinhos

MÁRIO FALCÃO

MÉDICO

Consultas desde as 15 horas.

Telef. 59 — AVELAR (P. F.)

Vende-se

quintal com água de poço, oliveiras, videiras e árvores de fruto, próximo da Estrada Nacional.

Tratar com Joaquim da Silva — Rua Major Neutel de Abreu — Figueiró dos Vinhos.

Leia e divulgue este Jornal

SEGUROS

Efectuam-se de Pinhais e em todos os ramos.

JOAQUIM DE MATOS PINTO
Figueiró dos Vinhos.

Ourivesaria Lourenço

ELECTROBOMBAS PARA TODOS OS FINIS
Agência PHILIPS - SIERA - PONTO AZUL - NATIONAL - BOSCH

TELEFONE 105



ELECTRODOMÉSTICOS

FIGUEIRO DOS VINHOS

Encarrega-se de todos os consertos em RÁDIO e TELEVISÃO

Encomende à Tipografia deste jornal os impressos de que necessite.
Ficará bem servido.

Assine este JORNAL

O MELHOR PÃO-DE-LÓ

É O DA

CONFEITARIA Santa Luzia

DE *A. C. Campos*

TELEFONE 129.

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

TERRABELA-HOTEL

UM DOS MELHORES DA PROVÍNCIA

INSTALAÇÕES MODERNAS

BAR — CAFE — RESTAURANTE — BILHARES

Serviços de Casamentos e Baptizados

PREÇOS ESPECIAIS

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Telefone PBX — 50

Máquina de costura Singer

Cose e borda. Vende-se por 2200\$00 como nova, com garantia por 10 anos.

Também vende outras marcas à escolha do cliente.

Irolinda Nunes Curado — Figueiró dos Vinhos.

PROPRIEDADES

VENDEM-SE

— Composta de Pinhal, Eucaliptos e Oliveiras, sita ao Barreiro, ou Vale das Albardas de Baixo. Confronta com a estrada distrital e estrada do Campo da Bola.

Casa de Habitação, ao cimo da Vila. S. Sebastião.

Quem pretender dirija-se a D. Alzira Paiva Vidigal, Rua Praia da Vitória N.º 20 — LISBOA-1

Aceitam-se propostas.

O ANTIGO Café Avenida

ALUGA-SE

quem pretender dirija-se ao seu proprietário, Joaquim da Silva — Rua Major Neutel de Abreu — Figueiró dos Vinhos.

Anunciar em « O Norte do Distrito » é fazer chegar os produtos de V. Ex.^a a todo o mundo.

TELEFONE
P. P. C. 50



Marcá Registrada N.º 107.738

M. TEIXEIRA

SUCESSOR DE

Soç. Comercial Figueiroense, L.da
(ANTIGA PRISTA)

Telefone 81

FERRAGENS E TINTAS — AGENTE DA «ROBIALAC»

Correspondente do Banco Pinto de Magalhães, L.da

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

O CASO RODESIANO

Não há dúvida de que a Rodésia tem de poupar o petróleo que vai gastando. Pelo petróleo é que Harold Wilson espera dominá-la e reduzir Ian Smith a apresentar-se ante a Grã-Bretanha de barão ao pescoço. Por isso é que o Ministro rodesiano da Lei e da Ordem, Desmond Lardener Burke, pediu se reforçassem os poderes especiais do governo para defender a integridade e a estabilidade do país.

E' que, alegava o Ministro, a Organização para a Unidade Africana estava manobrando para espalhar o caos e a subversão no país. O Ministro quer que se reforce a fiscalização e a orientação das finanças, do comércio e da indústria. E que se acatele a ordem pública. Respondeu-lhe Chao Chimpunza, político negro do Partido do Povo, que disse não ser necessário reforçar os poderes do governo. Bastam os actuais. Em caso de ameaça ao país todos os habitantes pegarão em armas para o defenderem.

Quem tem especial prazer em pôr em relevo as dificuldades da Rodésia são os políticos norte-americanos. Está-lhes atravessada a Rodésia. E que ela não haja perecido já, de uma inanidade, não o compreendem.

Artur Goldberg, embaixador dos Estados Unidos junto da ONU, esteve em Londres para tratar de assuntos relacionados com as Nações Unidas e aproveitou o ensejo para dizer numa conferência de imprensa que a Rodésia está a sentir pesadamente os efeitos do bloqueio petrolífero. E reiterou a declaração de que os Estados Unidos estão ao lado da política da Inglaterra no que respeita à Rodésia.

Recomenda o Governo aos funcionários das várias companhias petrolíferas com quem negocia que não sejam indiscretos e não revelem a situação, o que poderá servir os inimigos. E uma nota do Ministério do Comércio da Rodésia informa que eles têm

Pagamento de assinaturas

Tiveram a gentileza de actualizar o pagamento da assinatura de «O Norte do Distrito» os nossos estimados amigos e Senhores:

- Joaquim Godinho, residente em Mações;
- Sebastião Oliveira e Silva, comerciante em Macedo de Cavaleiros;
- António Francisco da Silva, proprietário, de Abrunheira;
- Silvério Luís Carvalho, morador em Pobrais;
- Manuel Marques, residente em Cabaços;
- Joaquim Gomes, ausente em S. Tomé;
- Joaquim Nunes Ribeiro, cantoneiro municipal, de Fontão Fundeiro;
- Alfredo Nunes, proprietário, de Ervideira;
- Mário Firmino, gerente do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, em Castelo Branco;
- José Quaresma Lopes Bruno, desta vila, e Rosendo Telhada Agria, de Aldeia de Ana de Aviz.

A todos os nossos melhores agradecimentos.

cumprido à risca, de sorte que poucas pessoas, além do governo, conhecem a verdadeira situação. Uma companhia a do «Pipe-Line» Moçambique-Beira publicou um comunicado. Disse-ram uns jornais que ela deixara de transportar petróleo, insinuando que aderira às sanções ordenadas pelo Governo de sua Majestade Britânica. Na verdade o «Pipe-Line» deixou de transportar petróleo para a Rodésia a partir de 31 de Dezembro. Mas por outra razão: porque ele se esgotara nos depósitos.

A propósito virá registar que o Ministro dos Estrangeiros de Sua Majestade, Dichel Stewart, convocou o encarregado de Negócios de Portugal, Dr. José Manuel Faria, para lhe dizer que o governo britânico estava muito preocupado com o facto de por território moçambicano passar petróleo para a Rodésia, e principalmente por estarem a serem construídos na Beira tanques-depósitos para armazenar petróleo destinado à Rodésia. E esperava fizesse o governo português ciente desta apreensão do governo britânico. Ora a verdade é que não há que estranhar nada no que possa registar-se a propósito de comércio ou trânsito de petróleo para a Rodésia.

Em Novembro declarou Portugal não cooperar nas represálias que o governo britânico tomasse contra a Rodésia. Não falta a nada do que haja prometido ou do que deva. Alguns jornais britânicos insinuaram que a Inglaterra exercesse represálias sobre Portugal. Oficiosamente se faz saber que a deligência de Michael Stewart não representa qualquer intuito de ameaça.

Quanto aos tanques depósitos da Beira, observa-se nas Necessidades que muitas vezes as companhias petrolíferas estrangeiras são, onde se estalam, instrumentos não só económicos, mas políticos. Procura, pois, Portugal, ser independente de tais instrumentos, não precisando de depósitos que pertençam a tais organizações. Uma companhia portuguesa particular quis construir reservatórios seus. Por que se lhe havia de recusar a concessão? Mas a resposta a certas insinuações e a alguma impertinência oficial, deu-a Lord Russel of Liverpool, em carta publicada no «Daily Telegraph». Ninguém dirá que o célebre par e aristocrata é reaccionário.

Da sua carta, em que diz entrever no acto do «Foreign Office» uma espécie de ameaça, embora velada, recortemos este breve trecho: — «Certamente os portugueses têm todo o direito de determinar, sem interferência do exterior, o que deve ser a sua política para com o seu vizinho imediato em África: em qualquer estranha hipocrisia é este país ameaçar o seu mais velho aliado, por mais veladamente que seja, depois da maneira vergonhosa como abandonámos Portugal na ONU, por altura da invasão de Goa pela Índia». Depois deste comentário, feito por quem o fez, nada temos a acrescentar.

Visado pela Comissão de Censura

A FELICIDADE NO LAR

O AMOR

Amar é querer bem, é um dom generoso e recíproco; é um compromisso de duas pessoas que se entregam uma à outra totalmente, exclusivamente, definitivamente.

O amor nasce da própria vontade: como pura melodia que não requer necessariamente a companhia do fervor sensível, posto que este com frequência lhe serve de suporte ou como meio de expressão.

Alguns julgam que amar é sentir-se feliz junto de alguém, viver um sentimento agradável com outro ou ter por ele atracção. Têm do amor a ideia duma emoção. Outros julgam amar, mas amam-se egoistamente a si próprios. Estes «possuem» e não «ofertam» o amor.

O amor é tantas vezes profanado e incompreendido: uma paixão ávida e devoradora em oposição a um dom puro e generoso; uma satisfação carnal, em vez da consagração mútua de dois corações; um fervor sensível, que ao desaparecer leva consigo a morte do amor, em vez do amor-fidelidade e da dedicação ao outro.

Amar é uma resposta e um apelo, ao mesmo tempo. Em cada pessoa há uma aspiração profunda que a torna insatisfeita, enquanto não surge a resposta que é dada pelo amor que se comunica e realiza a entrega. Também o amor tende a comunicar-se, a sair de si próprio para livremente fazer a felicidade do outro. Daí resulta a construção duma comunidade de bem que ultrapassa e enriquece cada um.

Fundamentalmente, viver é amar, porque desta maneira melhor se realiza o homem na sua natureza e na sua vocação profunda.

Esse amor que nos faz morrer a nós próprios e nos faz renascer ao mesmo tempo é fonte de alegria e de plenitude de vida. Amar é viver em plenitude.

Mas o amor, por mais forte que ele se apresente, está sempre sujeito a uma espécie de desgaste que a vida quotidiana oferece. E esse desgaste pode ser provocado por dificuldades de dinheiro, de alojamento, de saúde e outras. O amor está tantas vezes à mercê dos temperamentos, da inteligência, da perspicácia em adivinhar, do querer sempre o que será melhor para o outro. Há defeitos, digamos mesmo pecados contra o amor: o orgulho e o egoísmo que afastam e separam.

O amor nasce. E' espontâneo, natural, e para manter-se e cultivar-se não exige atitudes escolhidas, como receitas infalíveis. Requer atitudes interiores, concretas, que implicam a própria mentalidade e a própria vida. Isto não exclui o estudo atento, a compreensão do outro, se queremos ajudá-lo na sua realização, no dom de si próprio e na alegria de se lhe estar unido.

Assim, amar é compreender, é conhecer, é tornar-se atento, à escuta do outro, presente, acolhedor, dar-se a conhecer, facilitando a tarefa do outro, exprimir-se, dizer o que se sente, pensa, quer, ma vida de todos os dias.

Amor no casamento é conhecer o outro tal como é, profundamente, não só as suas qualidades, mas a sua «pessoa» naquilo em que a personalidade se afirma como inconfundível, insepa-

rável, única. Mas este conhecimento não se esgota, nunca deve julgar-se em definitivo, pode e deve progredir todos os dias, acompanhando a evolução da pessoa, no seu enriquecimento ou empobrecimento, ou nas facetas novas que dia a dia vão timbrando o carácter.

Tal conhecimento, para não destruir o amor, deve ser acompanhado da bondade e da caridade, da caridade que é paciente, benigna, que se compraz com a verdade, que tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo tolera, da caridade que é a mais sublime das virtudes. (Conf. I Cor., 13)

Aquele que ama verdadeiramente sente-se responsável pelo outro, quer continuamente a realização plena do outro, o seu bem total, e por isso ama, num respeito total pela liberdade alheia, pela sua personalidade insubstituível.

Este amor traduz-se em ajuda para que se desenvolva aquilo que faz a sua grandeza, aquilo que enobrece e nobilita e não apenas aquilo que possa agradar, mas degrada. Esta ajuda irá até a exigir presença na luta pela correcção dos defeitos, pela conquista de virtudes, pelo aumento de perfeição. Quem ama está presente a todos os estádios da vida do outro, de tal maneira que este sinta que é acompanhado, que não é um ser isolado. O amor realiza a comunhão de pessoas.

Mais perfeitamente se traduz o amor quando alguém se compromete, se liga, se consagra em relação a outro, dando-se inteiramente, gratuitamente, sem esperar retribuição, dando-se sem nada guardar para si, esquecendo-se de si próprio, pondo tudo o que se é ao serviço do outro, procurando a felicidade e a alegria do outro e não a própria.

Este amor realizará depois como que um inverso ou antes despertará no outro o verdadeiro amor que nós criámos, vivendo em amor: ajudará o outro a dar-se, a amar. Quem ama fundamentalmente tem necessidade da dádiva de amor do outro, e de sentir que ele nos tem a seu cargo. Importa todavia querer isso mais para ele do que para nós próprios, porque é dando-se ao outro que cada um se encontra a si próprio.

O amor não se dá de uma vez para sempre. E' como uma semente a cultivar ou um ser vivo a alimentar

Deve acreditar-se sempre no amor. Ele é possível, embora exigindo esforço. Encontra-se no contacto das almas, no segredo e no silêncio interiores. Sejam quais forem as dificuldades é possível encontrá-lo sempre.

O amor constrói-se em cada dia que passa. Todos os dias a vida nos dá ocasião de crescermos em amor. Ela põe o amor à prova, pede-lhe que dê provas da sua força, do seu vigor, que se ultrapassa a si próprio.

«O segredo para dar relevo às coisas mais humildes, mesmo às mais humilhantes, é amar».

(Escrivá)

«Deus é a origem do amor, mas além disso é também o seu termo. O amor vem de Deus e vai para Deus; Deus é o alfa e o ómega do amor. O erro está em fazer do amor um absoluto, o fim último, um deus.

Alto exemplo de Portuguesismo

O acontecimento passou-se na cidade alemã de Franckfort. No entanto, e o lugar pouco importa, ele representou tão alto exemplo de portuguesismo que constitui, por isso mesmo, um facto autenticamente nacional.

Foi o caso de ter sido colocado, solenemente, na capela-mór da igreja de Russelshiem, uma imagem de S. Francisco Xavier, adquirida pelos portugueses de Goa, Damão e Diu que trabalham na República Federal Alemã e que, assim, quiseram testemunhar a sua devoção ao santo padroeiro da Índia Portuguesa.

A imagem foi acompanhada, desde Lisboa, pelo Padre Dr. Joaquim dos Santos, fundador e antigo director do Instituto Pastoral de S. Pio X, de Goa, presentemente exilado no Portugal metropolitano.

Trezentos operários alemães reuniram-se aos seus camaradas portugueses — em número de quatrocentos — no almoço que se seguiu à cerimónia religiosa, e durante o qual foi lido um telegrama de saudação enviado pelo Presidente do Conselho Português, Prof. Oliveira Salazar.

Foi o Padre Dr. Joaquim dos Santos quem celebrou, na Igreja de Russelshiem, a missa que precedeu a bênção da imagem do Apóstolo das Índias, estando presentes, além dos membros da comissão promotora da iniciativa, centenas de operários e estudantes goeses residentes na República Federal e muitos dos seus colegas alemães.

A homilia, aquele sacerdote enalteceu o exemplo de patriotismo e da religiosidade cristã dado pelos trabalhadores portugueses fixados na Alemanha, salientando que o trabalhador pode e deve ser «um missionário do amor e da paz».

Terminadas as cerimónias religiosas, seguiu-se um almoço durante o qual falaram vários oradores, e a projecção de um documentário cinematográfico «Caminhos de S. Francisco», cedido pela Agência Geral do Ultramar. Foi, então, lido um telegrama enviado pelo Prof. Oliveira Salazar, em que o Presidente do Conselho Português declara associar-se à cerimónia e formular os melhores votos pelas felicidades dos operários e estudantes goeses ali reunidos.

De pé, a assistência correspondeu às palavras de saudação do Prof. Oliveira Salazar, cantando em coro o Hino Nacional Português.

Isto passou-se na presença das autoridades da região, dos dirigentes das empresas para que os portugueses trabalham e de muitos dos seus colegas alemães — o que mais avulta o alto significado do patriótico acto daqueles portugueses.

Assine este JORNAL

Sem dúvida os homens não cometeriam este erro se o amor não lhes evocara tão claramente outro amor, este Amor de que está sedento o coração humano».

(H. Caffarel)

P. BAPTISTA FERNANDES

DA CAPITAL QUANDO A RUA A Sagrada Escritura e o Código da Estrada

E' sempre o materialismo que o dia a dia nos impõe, o principal culpado na interrupção das nossas crónicas para «O Norte do Distrito».

Mergulhados em constante agitação no amanho do pão nosso de cada dia, não nos permittem o tempo e a disposição que transmitamos ao Jornal as nossas impressões — e tantas, tantas elas são! — que esse dia a dia trás até

— por Carlos Beirão —

nós, neste Mundo desigual e injusto em que vamos passando a nossa existência.

E se é certo que essa interrupção, nem ao Jornal causa qualquer perda nem os seus leitores disso se apercebem, não é menos certo que não raro sentimos necessidade de transmitir ao papel a sensação causada pelo mundo que nos rodeia, sensação que mais fortemente se acentua na vontade cada vez mais premente de não nos deixarmos perder nas ilusões desse mundo, de nos sentirmos sempre e cada vez mais nós, sempre e cada vez mais fortes no ideal que nos guia, para não termos de desabafar como José Duro:

*«... e vivo no abandono
Aos tombos pela vida, em busca de mim mesmo».*

CARLOS PAREDES

Falar de Carlos Paredes, é falar de uma das nossas mais legítimas glórias da arte de dedilhar uma guitarra e de um autor de invulgar mérito das composições que executa.

Filho do célebre guitarrista Artur Paredes, que em Coimbra, no País inteiro e até além fronteiras ficou conhecido pela beleza das suas composições — imortalizadas na célebre «Balada de Coimbra» — e pelo mimo das suas execuções, Carlos Paredes não se quedou no Choçal; na Sé Velha; no Penedo da Saudade; no poético Mondego eternamente a chorar a morte da linda Inês; na «alta»; na «baixa» de Coimbra.

Carlos Paredes voou para etéreas e longínquas paragens; e as suas composições, a par de variações de rara inspiração, tocam as raízes do clássico.

A guitarra, dedilhada por este artista de raro merecimento, desce ao Povo que a inspirou, do mesmo modo que produz a admiração de todos os espíritos cultos que o escutam.

Manuel Morais Arinto

Cumprimentámos na nossa Redacção este nosso prezado assinante, conceituado comerciante em Lagos, que esteve alguns dias em Torgal-Campelo, em visita aos seus familiares.

PROPRIEDADE Vende-se

Óptimamente situada, ao Bairro Teófilo Braga, com frente para a Estrada Nacional.

Possui pequena casa de habitação e terrenos anexos com árvores de fruto.

Sujeita à melhor oferta. Informa esta Redacção.

Ligam-nos a este belo cultor da arte de Mozart, a este artista que concebeu, entre outras composições, a música de fundo da peça de teatro «O Renter dos Heróis», do filme «Verdes Anos», as belas variações em si e lá menor, serenatas e danças portuguesas, uma grande admiração e uma sincera amizade, inspiradas, não só no seu espírito culto, mas também no belo carácter, na honradez de princípios, na firmeza da sua honestidade sem limites que emolduram esse mesmo espírito.

Os que conhecem, como nós, Carlos Paredes, quando o seu espírito mergulha profundamente nas composições que executa ou quando o acaso o faz tomar atitudes que um ímpar cavalheirismo e de uma impressionante fortaleza de carácter, olham-no com a curiosidade de quem aprecia uma rara preciosidade.

E porventura, a sua arte tem entre nós o acolhimento que merece ou dá ao seu autor a legítima compensação financeira que era de direito esperar?

Talvez de esta última falta seja culpada a rara modéstia de Carlos Paredes e a triste verdade de que em Portugal vale mais ser cangalheiro ou tendeiro, do que artista ou literato com longos anos de persistente e esforçado trabalho, que só elevam o nosso país em todos os quadrantes do mundo civilizado.

Almerindo David Rei

Acompanhado de sua esposa e filhos esteve nesta vila, a passar a festa da Páscoa, este nosso amigo e conterrâneo, distinto Oficial do Governo Civil de Coimbra.

Escrevinhadores de paredes

Quando surge uma parede ou superfície branca, polida, longe dos olhares do público, logo uma legião de escrevinhadores e de pinta-monos as aproveita para nelas concretizar os seus dotes de escritor, o seu estro poético ou o esboço de toscas figurações. O facto, constituindo uma violação da propriedade alheia ou menosprezo do património colectivo, pelos danos causados à estética, à beleza e à dignidade dos locais abusivamente utilizados, — assume maior gravidade, se encarado sob o aspecto da apologia pornográfica, indecorosa e torpe que persegue.

Nesses escritos e desenhos que encontramos nas paredes (particularmente nos locais privados), ressalta, com uma nitidez que espanta, o propósito único de fazer graça brejeira, de ofender o pudor e a inocência, de pintar com prazer sádico, atitudes dissolventes, numa ostentação de baixeza moral verdadeiramente confrangedora. Há, em todos esses escrevinhadores e pictómanos, uma agressividade latente. Eles poderiam, pura e simplesmente, lançar mão da caneta ou do lápis e vazar, num papel que se inutiliza, as escorrências do seu espírito inferior. Mas não. Eles querem, sobretudo, gozar o prazer mórbido do mal que se-

Um homem de além de Abrantes contou-me há dias uma história verdadeira dos bons tempos em que os homens de barrete frígido se apossaram do mando e tinham seus parlamentos onde muito arengavam e nada resolviam dos problemas atinentes à grei. Era em 1912. Andava no ar, muito desfeito de ahedotas mordentes, o nome de Afonso Costa enraivado perseguidor do catolicismo. A história que o homem de além de Abrantes me contou é esta, mais palavra, menos palavra:

— «Por 1912 era eu tropa e fui mandado, de sentinela, para as cortes que ficavam ali para os

MANDAVA

lados da Estrela. Quem manda pode, e para lá fui. O meu capitão dissera-me: — Tu ficas aqui. Vês ali aqueles bengaleiros?

— Disse que sim que os vi já que Deus me tinha dado os olhos para ver e não para comer couves.

— Pois então se os vês fica sabendo que não deixarás entrar ninguém com bengala.

Manda que todos a deponham se é que pretendem entrar.

E quando chegar o senhor Dr. Afonso Costa gritas às armas como é de estilo.

— Sim, meu capitão.

Ora agora começa o mais bonito. Eu nunca tinha visto o Afonso Costa embora a sua nomeada fosse muita. Mas cá com os meus botões fui-me dizendo: um machacaz daqueles quando vier, vem acompanhado. Não que as pedradas aí pelas ruas são poucas! Pela pinta, logo que venha e eu o bispe, quem o tira sou eu e não há novidade; e toca a bater o tacão para cá e para lá de arma às costas.

Dai a um migalhão, rompe da porta um sujeito, todo de preto, cartola alta e bigodes asanhados e com um bengalão de matar vitelos. Vem por aí adiante, muito prosa, e eu atalho-lhe o passo e pergunto:

— O senhor vai para as cortes? Nem me respondeu o grande lorpa. Mas eu, sem mais aquelas, pranto-me diante dele e digo-lhe aqui d'assim: — olhe, meu senhor, lá para os meus sítios diz-se que a fome e o frio metem a lebre a caminho, e o medo mete o homem. Mas não a mim nem que falhe o rião. O senhor vê além o bengaleiro? Se não quer um desgosto, gire, e ponha

lá a bengala que, assim como assim, não é pequena nem mal cortada. O homem riu-se com este meu falar e desandou, muito obediente, dependurando o marmeiro «e era o primeiro» no cabido apropriado. Feito isto, enfiou para as cortes onde se fazem as leis e sobram cajados.

Mandar, sempre é muito bom! Fiquei muito contente e vá de bater o tacão com mais audácia. Nisto começo a ouvir brados lá de dentro das cortes: — ah, seu burro, sua cavalgadura! O meu capitão rompeu de lá esbaforido e diziam-o comigo a queias fúrias. O Afonso Costa postara-se no limiar, a rir. Eu verguei o espinhaço e retorqui com pausa: — Olhe, meu capitão, burros todos somos nas horas más que o diabo conta pelo seu relógio; mas não atino com erro meu. Então o senhor não sabe que este é o senhor Dr. Afonso Costa? — Se o é, o meu capitão diga que eu nunca o vi.

Ainda tive que ouvir faladuras de militar um par de minutos e ao outro dia despediram-me — o que muito me alegrou. Porque, olhe, que naquele tempo as ruas eram um inferno; os governos iam de mocca para as cortes e não se admire que lhe diga que as mocas faziam galos nos toutiços dos ministros. A mim me partiram a cabeça com o braço dum santo arrancado a uma igreja. Os que falam agora contra o governo são cabritos fartos de leite. Naquele tempo é que eu os queria ver; se não tinham a cabeça à prova de pedrada não era eu que jurava por sua inteireza. Até para as cortes levavam o bengalão com o fito de encaixarem as leis mal feitas e pior emendadas na caxola uns dos outros. Por isso não fizeram nada. Nem uma estrada, nem uma ponte, nem uma escola.

Fica-lhes no activo terem-me dispensado de sentinela.

De má gente não se fazem bons governos.

João Maia

A Organização Mundial de Saúde diz haver por ano em todo o mundo mais de cem mil mortos e mais de 4000 000 de feridos. No nosso país as mortes já ultrapassam anualmente um milhar e ficam feridos umas 30 000 pessoas.

Em Roma em dois de Outubro do passado ano os participantes do Diálogo internacional sobre a moralização do uso da estrada, foram recebidos por Paulo VI. Do discurso que lhes dirigiu extraímos as seguintes passagens.

(...) Poder-se-ia tirar das páginas inspiradas dos dois Testamentos, mas sobretudo dos Evangelhos e das cartas apostólicas, um florilégio de preceitos que bem poderiam constituir um código de critérios morais e até um manual do perfeito utente da estrada. Este florilégio viria apoiar e reforçar o Código da estrada e dar-lhe-ia um impulso que não podem ter as suas prescrições puramente negativas e preventivas.

Enquanto o utente da estrada não for levado a considerar as suas responsabilidades a esta luz positiva e encorajadora — que encontra a sua verdadeira justificação nos valores superiores e imprescritíveis da consciência — não se poderá chegar a melhorar a mentalidade como se deseja (...). Muito sangue é vertido todos os dias, porque se quer ir absurdamente depressa a ganhar tempo. Enquanto os organismos internacionais fazem todos os seus esforços para apaziguar dolorosas rivalidades, enquanto se fazem progressos maravilhosos na conquista do espaço, se procuram meios de lutar contra a fome, a ignorância e a doença, é doloroso pensar que no mundo inteiro inumeráveis vidas humanas continuam a ser sacrificadas todos os anos a esta sorte implacável.

A consciência pública deve reagir e considerar este problema ao mesmo nível daqueles mais árduos que suscitam a paixão e o interesse do mundo inteiro (...).

(De «Acção Médica», ano XXX, n.º 2)

MINEDIA CENTRAL
TIPOGRAFIA

MIMERON CENTRAL

Executa com a maxima perfeição todo o género de trabalhos tipográficos. Modicidade de preços.

Telefone 7

Figueiró dos Vinhos

Sabem porque é que as mulheres não têm barba?

Alexandre Dumas dizia com graça de Deus não deu barba às mulheres porque sabia que elas não seriam capazes de estar caladas enquanto as estivessem a barbear.